

SOB O SIGNO DA MULTIPLICIDADE*

Luis Cláudio Figueiredo
(PUC/SP - UNIP)

RESUMO

FIGUEIREDO, L.C. *Sob o signo da multiplicidade*. *Estudos de Psicologia*, 10(1): 11 - 19, 1993

Na Psicologia há uma multiplicidade oficial concernente aos aspectos e dimensões relativas ao conhecimento e ação do psicólogo. As dimensões consideradas são: áreas de atuação, posições teóricas e metodológicas, integração teoria e prática, e outras que tornam difícil a questão da identidade profissional.

Palavras-chave - *Psicologia, multiplicidade, unificação na ciência, diversidade na ciência*

Quando da passagem da antiga para a nova gestão do Conselho Federal de Psicologia, no dia 12 de dezembro de 1992, fui convidado a proferir uma palestra que enfocasse a questão do estado fragmentar da psicologia, tanto como área de conhecimentos, quanto como área de atividades profissionais. Naquela ocasião falei de improviso, seguindo um roteiro. Em seguida, tomei o roteiro como base para a redação de um texto; o que vocês vão ouvir hoje é este texto, com algumas pequenas mudanças e complementações que me pareceram oportunas.

Gostaria de iniciar agradecendo à Dr^a Geraldina Porto Witter e a todo o corpo docente da PUCAMP o convite para pronunciar esta palestra que é para mim uma excelente oportunidade de colocar em discussão algumas das minhas preocupações e, em particular, algumas que dizem respeito às atividades profissionais do psicólogo.

* *Palestra proferida no dia 12 de dezembro de 1992 no Conselho Federal de Psicologia, Brasília, e repetida, com algumas modificações, como Aula Inaugural no curso de Pós-Graduação em Psicologia da PUCAMP no dia 2 de março de 1993. O presente texto corresponde ao que foi apresentado na PUCAMP*

Ao longo da minha exposição vocês terão a ocasião de me acompanhar num trajeto que resultará numa série de questionamentos; fundamentalmente, tratarei de por em questão a idéia de que vale a pena nos preocuparmos com 'identidade profissional' do psicólogo; em decorrência deste primeiro questionamento, colocarei em discussão a existência de uma 'categoria profissional' de psicólogos; finalmente será a própria viabilidade de uma representação desta suposta categoria que estará sendo problematizada. Estou certo que as posições que estarão sendo apresentadas são algo polêmicas e que os argumentos que tentarei articular são discutíveis. Contudo, estou também seguro de que posso contar com uma audiência interessada em dar respostas às minhas colocações e fazê-las render, mesmo que para serem eventualmente contestadas.

I

Começarei tratando do que chamo de 'multiplicidade oficial da psicologia'. São aspectos e dimensões dos nossos saberes e de nossas práticas em que a multiplicidade está claramente presente e é perfeitamente reconhecida, mesmo que não se tirem dela todas as suas conseqüências.

Uma primeira dimensão da multiplicidade diz respeito às áreas de atuação dos psicólogos; às áreas antigas e convencionais - educação, trabalho e clínica - vem sendo acrescentadas a cada dia inúmeras áreas novas em que o processo de implantação dos psicólogos está em pleno andamento. As áreas antigas, por sua vez, passam por um processo permanente de diferenciação interna. Em cada uma destas áreas, novas e velhas em suas variadas modalidades, os psicólogos entram em contato com novas populações e com novas demandas, estabelecem relações com diferentes profissionais, incorporam diferentes conhecimentos específicos (por exemplo, pedagógicos, administrativos, médicos, entre outros), aprendem e criam diferentes linguagens, elaboram diferentes estilos de atuação; em suma, as diferentes interfaces da psicologia geram **profissionais com saberes, práticas, destinações, linguagens, alianças e limites muito específicos**. Creio que já seja hoje perfeitamente lícito perguntar: trata-se de um único 'ser psicólogo' que se apresenta em diferentes versões, ou já caberia mais falar numa diversidade constitutiva? Em outras palavras, apesar de uma formação, até certo ponto, comum, haverá uma identidade profissional múltipla, ou será que a diferenciação se impõe como intrínseca às atividades deste profissional nos seus variadíssimos contextos de atuação?

Uma segunda dimensão de multiplicidade é, ninguém o desconhece, a que diz respeito às correntes teóricas e metodológicas da psicologia contemporânea. cuja variedade eu procurei tornar inteligível mediante uma análise das matrizes do pensamento psicológico (Figueiredo, 1991). Não

creio ser aqui necessário me estender sobre esta questão; que fique porém registrado um dos principais resultados do estudo acima mencionado; não há entre as diversas correntes consenso acerca de questões básicas; suas compreensões prévias, seus pressupostos do que sejam os objetos da psicologia, do que seja o 'psicológico' e de como produzir sobre ele um conhecimento válido são muito diversos; de fato, não há mesmo entre nós muito acordo acerca do que poderiam ser os 'critérios de cientificidade' com base nos quais deveríamos avaliar nossos conhecimentos e nem mesmo se esta é realmente uma questão decisiva na justificação de nossas crenças e de nossas práticas; é sabido que as questões epistemológicas e metodológicas não ocupam o mesmo espaço nas diversas matrizes, além de serem equacionadas de formas bastante divergentes entre elas. Ora, cada uma das correntes ou 'famílias teóricas' em psicologia, engendradas por uma matriz ou combinação de matrizes, mantêm relações privilegiadas com diferentes áreas afins: por exemplo, algumas aproximam-se decididamente das disciplinas biológicas enquanto outras se aproximam das disciplinas históricas e sociais e ainda da filosofia, da crítica literária e da lingüística; sentem-se, assim, como pertencendo a diferentes enquadres disciplinares e desenvolvem diferentes dialetos de acordo com as necessidades dos intercâmbios que lhes parecem mais fecundos, etc. Novamente aqui caberia perguntar; trata-se de uma psicologia com diferentes versões ou tratam-se efetivamente de múltiplas psicologias? Em diferentes oportunidades tenho defendido esta segunda alternativa (Figueiredo, 1991, 1991a, 1992, 1992a, 1992b, 1992c) reconhecendo em cada uma delas uma forma **legítima** de ocupação do espaço psicológico.

II

Até agora me detive na multiplicidade oficialmente reconhecida. Ocorre, porém, que há outras multiplicidades muito mais difíceis de detectar, de representar e de reconhecer. Por exemplo, como tive a oportunidade de desenvolver em outro lugar (Figueiredo, 1992a), a atividade profissional do psicólogo requer uma incorporação dos saberes psicológicos às suas habilidades práticas de tal forma que mesmo o conhecimento explícito e expresso como teoria só funciona enquanto conhecimento tácito; o conhecimento tácito do psicólogo é o seu saber de ofício no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal e as estão impregnando numa mescla indissociável; este saber de ofício é radicalmente pessoal, em grande medida intransferível e dificilmente comunicável (embora o esforço para comunicá-lo seja de grande valia desde que não resulte em simplificações excessivas). O resultado é que a adesão explícita e assumida a uma 'escola' diz muito pouco da efetiva atuação profissional; na verdade, creio que quanto mais

conta a experiência, quanto mais tempo tem o psicólogo no exercício da profissão, mais as variáveis pessoais vão pesando na definição das suas práticas e das suas crenças (o que, por diversas razões, nem sempre se reflete no seu discurso explícito). Há, portanto, muito mais variedade do que pareceria a quem se ativesse às adesões teóricas explicitadas.

Finalmente, gostaria de chamar a atenção para um fenômeno muitíssimo comum mas que, ao que eu saiba, jamais foi considerado em profundidade. Refiro-me às ocorrências de transição e mudança de rumo nas trajetórias profissionais e pessoais dos psicólogos. Muitas vezes estas transições são dramáticas e públicas: por exemplo, transições entre posições comportamentalistas e existenciais, ou entre posições psicanalíticas e psicodramatistas, etc. Muitas outras vezes as transições ocorrem entre versões de uma mesma 'escola', embora entre estas versões possam haver distâncias tão grandes quanto entre escolas; é o que ocorre, por exemplo, no campo da psicanálise quando se transita de Freud para Kohut, ou de Melanie Klein para Lacan, etc. Estas transições, contudo, podem ficar menos expostas, pelo menos para os que não pertencem à comunidade psicanalítica. Mesmo, porém, que não ocorram transições desta natureza, penso que não estaria exagerando se afirmasse que, ao menos na clínica, os psicólogos estão sempre, ou quase sempre, transitando, quando mais não seja na medida em que o processo de elaboração - não consciente e não programado - do conhecimento tácito lhes impõe um movimento contínuo de metabolização: metabolização de experiências, metabolização de informações teóricas, etc. Estas metabolizações engendram um fluxo permanente de diferenciações: não só são aí engendradas diferenças entre psicólogos, mas, principalmente, diferenças de cada uma para consigo mesmo ao longo do tempo.

A multiplicidade mais ou menos dissimulada nos conhecimentos tácitos e nas transições e mudanças de rumo tornam, naturalmente, ainda mais precária a nossa 'identidade profissional'. Na verdade, para falar em 'identidade' precisaríamos, em primeiro lugar, de limites razoavelmente claros que distinguissem as variações que pertencem ao campo de possibilidades do 'idêntico' daquelas que já não pertencem a este campo; em segundo lugar, seria preciso que houvesse um mínimo de permanência ao longo do tempo. Pois bem, nem limites claros nem permanência.

São exatamente as nossas dificuldades na construção e definição de uma identidade profissional que, simultaneamente nos conduzem a uma busca, às vezes desesperada e grotesca, de legitimação e a impasses intransponíveis nesta empreitada. É bem compreensível que quanto mais difícil seja para nós nos apresentarmos aos outros e a nós mesmos mediante uma identidade clara e distinta, mais nos pareçam atraentes algumas estratégias de auto-legitimação. Infelizmente, muitos de nós não têm conseguido

resistir a esta tentação e enveredam por formas primitivas de construção de identidade, como as que se baseiam em processos exorcistas de exclusão do mal. É assim que vemos muita gente, a partir de conhecimentos e reflexões elementares, promovendo ou patrocinando a exclusão do que 'não é científico' e/ou do que 'não é psicológico'. O que há de errado com esta estratégia ficaria muito rapidamente exposto se pedíssemos que nos esclarecessem acerca do que entendem por 'cientificidade' e por 'psicológico'. Neste momento, seguramente, veríamos se desfazerem as alianças que reúnem muitos psicólogos dos mais variados e incompatíveis credos nesta mesma cruzada contra o mal e veríamos emergirem todas as incompatibilidades entre pressupostos ontológicos e epistemológicos a que fiz referência acima. Em outras palavras: as estratégias de auto-legitimação baseadas em processos de exclusão geram alianças totalmente espúrias e insustentáveis. Isso para não entrarmos no mérito da estratégia em si mesma e do que ela revela de modo de funcionamento mental de quem a adota.

III

Até aqui falei da multiplicidade num plano meramente descritivo. Neste plano, porém, embora já estivéssemos problematizando a idéia de uma identidade profissional, ainda não estaríamos em condições de avaliar todo o alcance da questão.

Gostaria agora de dar prosseguimento à minha fala propondo, em primeiro lugar, algumas alternativas de interpretação da origem das diversas multiplicidades a que venho me referindo.

Começarei sugerindo que pensemos no psicólogo como um 'profissional do encontro'. Há, como se sabe, toda uma fala de extração humanista acerca do 'encontro'. Trata-se lá de um discurso eminentemente ideológico e saturado de ficções românticas e idílicas. Não é disso, porém, que se trata aqui. Quando proponho caracterizar o psicólogo, em qualquer contexto em que trabalhe, como 'profissional do encontro' estou apenas assinalando o fato de que o lidar com o **outro (indivíduo, grupo ou instituição) na sua alteridade** faz parte da nossa atividade cotidiana. Mesmo que cheguemos a este encontro com a relativa e muito precária segurança de nossas teorias e técnicas, o que sempre importa é a nossa disponibilidade para a alteridade nas suas dimensões de algo **desconhecido, desafiante e diferente**; algo que no outro nos obriga a um **trabalho** afetivo e intelectual; algo que no outro nos alcança e nos propulSIONA; algo que do outro se **impõe** a nós e nos contesta, **fazendo-nos efetivamente outros que nós mesmos**.

Eis-nos, assim, reconhecendo um primeiro lugar para a alteridade: a alteridade do outro como motor de diferenciação. No entanto, é preciso

avançar da alteridade do outro para a alteridade do próprio para que a nossa condição de 'profissionais do encontro' fique plenamente esclarecida.

De onde se abre o espaço para a alteridade do outro senão **das alteridades de que cada um de nós é feito?** Se não fôssemos cada um de nós constituídos multiplamente, se não fôssemos, através de decentramentos contínuos, capazes de tirar partido desta multiplicidade constitutiva, se não fôssemos capazes de deixar a alteridade do outro ressoar nas nossas próprias alteridades estaríamos totalmente incapacitados para o exercício de nossa profissão

No trabalho recentemente publicado **A Invenção do Psicológico. Quatro Séculos de Subjetivação (1500-1900)** (Figueiredo, 1992) propus uma interpretação do espaço existencial contemporâneo como um espaço formado por três pólos em constantes conflitos e alianças: o pólo do Liberalismo, o pólo do Romantismo e o pólo das Disciplinas.

Ao pólo do Liberalismo pertencem os valores e práticas do individualismo ilustrado. Temos então, como ideal, o império do 'eu soberano', com identidade nitidamente delimitada, autocontida, autocontrolada, autoconhecida. Ao pólo do Romantismo pertencem os valores da espontaneidade impulsiva, com identidades debilmente delimitadas porque atravessadas pelas forças suprapessoais da natureza, da coletividade e da história. Finalmente, ao pólo da Disciplina pertencem as novas tecnologias de poder, tanto as que se exercem molecularmente sobre identidades reconhecíveis e manipuláveis, segundo o princípio da razão administrativa e calculadora, como as que se abatem sobre identidades debilmente estruturadas e passíveis de manipulação mediante a evocação das forças suprapessoais encarnadas, por exemplo, em figuras carismáticas.

Sugiro, então, que **todos** os processos de subjetivação se efetuem neste contexto múltiplo e contraditório e que os diferentes lugares deste território correspondem a diferentes combinações e compromissos entre aqueles pólos. Como estes pólos atraem-se e repelem-se mutuamente - sendo que a explicação da lógica e da dinâmica deste processo excederia o espaço de uma palestra - as identidades elaboradas em cada um destes lugares implicarão sempre, em maior ou menor medida, na exclusão de algo que, no entanto, pertence àquela subjetividade na condição de 'o seu outro'. É nesta medida que caracterizo o 'psicológico' como o lugar dos excluídos, como o lugar do 'impensável', em outras palavras, como o lugar das alteridades próprias do sujeito.

Pois bem, todos nós, psicólogos ou não, trazemos conosco estas sombras, os nossos outros. Só que para nós psicólogos esta multiplicidade se converte na condição mesma do nosso trabalho. É no contato com as alteridades do outro e com nossas próprias alteridades que transcorre e se

efetua toda a nossa existência; é daí que se pode originar nossa eficácia. É, enfim, este contato com o múltiplo que, provavelmente, gera e mantém todos aqueles fenômenos de multiplicidade oficial e oficiosa por onde comecei minha fala.

Antes de me encaminhar para o que serão meus questionamentos finais, gostaria de tecer duas considerações. Em primeiro lugar, penso que vale a pena ressaltar o que poderia ser o uso legítimo de teorias e técnicas no campo da psicologia. Em geral pensamos nestes recursos, a partir de uma perspectiva pragmática, como orientadores de nossas práticas; numa outra oportunidade defendi a idéia alternativa de que eles podem ser mais úteis como dispositivos de decentramento, instaurando no curso da ação os espaços da indecisão, os espaços do desconhecimento aonde podem então ser acolhidas as alteridades emergentes. (Figueiredo, 1992a)

Uma outra observação é a seguinte: de todas as teorias psicológicas disponíveis as psicanálises parecem se notabilizar não apenas por terem emergido no terreno da dissolução das ilusões de unidade e identidade do sujeito moderno, como por terem feito da multiplicidade e da fragmentação do indivíduo seu tema e seu método. Não se trata aqui de defender a psicanálise em qualquer tribunal epistemológico como a 'mais verdadeira' das psicologias e muito menos de desqualificar todos os demais ocupantes do espaço psi. Trata-se apenas de reconhecer a visceral pertinência da psicanálise à problemática contemporânea da subjetivação - embora, a bem da verdade, caiba acrescentar que muito freqüentemente os psicanalistas não tenham sabido corresponder plenamente às exigências desta condição renunciando de uma forma ou de outra ao potencial verdadeiramente analítico da psicanálise; (cf. Laplanche, 1992).

IV

Para finalizar, retomarei agora a minha questão original. Que sentido tem, para nós psicólogos a questão de nossa 'identidade profissional'? Será que o reconhecimento das diversas dimensões da multiplicidade nos deveria conduzir a um mero plural: ao invés de falar em 'identidade', falaríamos então em 'identidades'? Se nos mantivéssemos num nível puramente descritivo, talvez pudesse ser esta uma solução simpática e pouco comprometidora. No entanto, se estou certo em minha análise das funções constitutivos das alteridades (as alheias e as do próprio) na nossa atividade profissional, não nos bastará falar em 'identidades' profissionais; será então necessário pensar a psicologia e os psicólogos renunciando definitivamente a esta noção e, provocativamente, colocarmos em questão exatamente as nossas alteridades. E não para contê-las sob qualquer forma de representação teórica, mas para usá-las, para delas tirar todo o partido, para fazer delas a condição de

nossos fazeres com tudo que isto implica em termos de **multiplicação das multiplicidades**

Mas agora cabe a pergunta: em que medida a noção de 'categoria profissional' pode sobreviver se abrimos mão, como estou sugerindo que se faça, da questão da identidade? Desconfio seriamente que nos concebermos como uma categoria profissional não faz justiça ao que já somos e muito menos ao que nossa 'vocação' nos exige: a convivência com a alteridade.

E finalmente: se não formos uma categoria poderemos ser representados? Podemos, com nossas multiplicidades intrínsecas nos fazer representar?

Supondo-se que haja algum sentido em toda a minha argumentação, quais poderiam ser então as funções legítimas dos Conselhos e, muito particularmente, deste Conselho Federal de Psicologia que tão gentilmente me deu a palavra?

Assim terminava a minha palestra no CFP. No entanto, a pergunta que dirigi aos Conselheiros do CFP poderia muito bem ser endereçada a todas as entidades que se propõem a reunir psicólogos ou psicanalistas com finalidades formativas e de divulgação mas que, inevitavelmente, assumem também funções corporativistas, legitimadoras e disciplinares. Em que medida tais funções serão compatíveis com a 'multiplicação das multiplicidades'?

Por outro lado, não se poderia, tomando a questão das alteridades como princípio e como critério, ensejar novas formas de convivência e intercâmbio entre nós? Talvez seja esta uma tarefa à altura e na medida da **Universidade** e muito particularmente das unidades universitárias de pesquisa e formação de alto nível, como são, ou deveriam ser, os cursos de Pós-Graduação

SUMMARY

FIGUEIREDO, L.C. - *Under the Sign of Multiplicity* **Estudos de Psicologia**, 10(1): 11- 19, 1993

In Psychology there an official multiplicity concerning aspect and dimentions about the knowledge and action of the psychologist. The dimentions considered are: areas of actuation; theoretical and methodological positions; integration theory and practice and others that macke difficult the question of professional identity.

Key-words - Psychology, official multiplicity, science unification, science divergence

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FIGUEIREDO, L.C. (1991) **Matrizes do Pensamento Psicológico**. Vozes.
- FIGUEIREDO, L.C. (1991a) **Psicologia. Uma visão histórica**. Educ.
- FIGUEIREDO, L.C. (1992) **A Invenção do Psicológico. Quatro séculos de subjetivação (1500-1900)**. Escuta-Educ.
- FIGUEIREDO, L.C. (1992a) O estatuto dos discursos teóricos na psicologia clínica. Palestra apresentada na **Reunião Anual da ANPEPP**, Brasília.
- FIGUEIREDO, L.C. (1992b) Um método para o pensamento débil. Há seriedade nisso? Palestra apresentada na **Reunião da ABRAPSO**, São Paulo.
- FIGUEIREDO, L.C. (1992c) Novas demandas de atendimento psicológico. Como pensar e como lidar? Palestra apresentada em **Mesa-Redonda promovida pelo CRP**, São Paulo.
- LAPLANCHE, J. (1992) **La Révolution Copernicienne Inachevée**. Aubie.